São roubadas, 4 armas por dia

EDUARDO SÉRGIO

Há mais 33 armas de fogo à solta, roubadas desta vez do Campo de Tiro de Monsanto, em Lisboa. Juntam-se às armas de guerra levadas do Quartel da Carregueira, em Sintra, e a outras igualmente furtadas da Base Naval do Alfeite, no ano passado. Ninguém faz ideia onde pára este autêntico arsenal.

Foram roubadas do Clube de Tiro de Monsanto, na semana passada, 33 armas de fogo que pertenciam a praticantes que usavam o espaço. As armas desaparecidas são carabinas de calibre .22 e caçadeiras normalmente usadas em tiro aos pratos, que deveriam estar, por lei, guardadas em cofres com alarme e cuja abertura só fosse possível mediante a introdução de um código pessoal.

No entanto, devido à situação do Clube de Tiro, falido, o alarme estava desligado e a bateria de reserva não tinha carga, facilitando o assalto. O alarme foi dado por uma funcionária que descobriu que a entrada para o local tinha sido forçada. A PSP inspeccionou o Clube e detectou que algumas das armas estavam nas bancadas de tiro onde foram usadas. Por precaução, a Polícia levou das instalações outras 34 armas que não agradaram aos ladrões e abriu um processo de averiguações para verificar a segurança das instalações, estando a investigação do furto a cargo do Departamento de Investigação e Acção Penal de Lisboa.

Ninguém sabe o destino das armas roubadas, mas a probabilidade mais lógica é que, em especial as caçadeiras, possam servir para assaltos a estabelecimentos, dado serem um instrumento comum de assalto em Portugal, depois de ficarem com os canos e com as coronhas serrados, de modo a serem mais fáceis de transportar e usar em assaltos. Podem servir, directamente, para uso de quem as roubou ou vier a adquirir, ou então, para serem alugadas por grupos criminosos, cabendo ao novo proprietário entre 10 a 20 por cento do produto do roubo efectuado.

O Comissário Fábio Rúben de Castro, das Relações Públicas da PSP, confirma o roubo no Clube de Tiro de Monsanto e diz a O DIABO que "sempre que uma arma é roubada, há preocupações acrescidas para a PSP". É "mais um meio de que os assaltantes dispõem para pôr em perigo, quer as populações, quer os agentes da autoridade". Fábio Rúben de Castro confirmou também que a PSP se deslocou ao local para investigar as condições de segurança das instalações e que, uma vez concluídas as diligências, pode ser instaurado um processo de averiguações para atestar se houve negligência pela parte dos proprietários do Clube.

Numa versão optimista, Fábio Rúben de Castro quer acreditar que as armas se possam destinar a utilizadores desportivos. E dá como exemplo as armas roubadas na Base Naval do Alfeite (ver caixa), que até hoje não foram ainda usadas em assaltos. Podem ter sido vendidas a coleccionadores ou enviadas para fora do País. "Há muitos fins que podem ser dados a estas armas", diz o Comissário, esperançado em que não venham a ser utilizadas para fins criminosos.

As armas de precisão, as carabinas, podem matar a distâncias de 50 metros quando utilizadas por quem saiba, o que as torna inimigos mortais das autoridades se usadas em assaltos ou em confrontos com as forças de segurança. Cada caçadeira pode custar, legalizada, entre 500 a 1.000 euros.

As carabinas .22 são mais caras e mais apetecíveis entre os grupos marginais, uma vez que disparam balas e são muito mais difíceis de adquirir legalmente. Obrigam a licença

Mais de um milhão de armas

Todos os dias as diversas forças policiais apreendem uma média de 18 armas. Só no ano passado as autoridades tiraram de circulação 5.701 armas de fogo, cerca de metade do número recorde atingido em 2010, ano em que saíram de circulação 10.300 armas, todas elas ilegais e algumas utilizadas em assaltos em território nacional.

Os dados constam do Relatório de Segurança Interna, e são apenas referentes a apreensões, uma vez que ninguém faz ideia do número de armas ilegais que circulam em Portugal. Para referência há apenas um estudo do Núcleo de Estudos para a Paz, do Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, que dá conta da possibilidade de existirem em Portugal um máximo de 1,2 milhões de armas ilegais.

No capítulo "Circulação nacional de armas ligeiras" o estudo refere: "Tendo por base o número de armas registadas em Portugal adiantado pelo Departamento de Armas e Explosivos (DAE/PSP), estima-se que existem em Portugal cerca de 2,6 milhões de armas de fogo em posse civil. Destas, 1,4 milhões são legais (54 por cento) e 1,2 milhões são ilegais (46 por cento)". Feitas as contas, os investigadores concluem que "existem, no nosso país, 2,5 armas de fogo por cada dez habitantes".

Quanto a licenças, o estudo conclui que é a caça que mais documentação legal produz, havendo, no total, "445.360 licenças de uso e porte de arma emitidas entre 2004 e 2008", o que dá uma média de 89 mil licenças por ano. Destas, "84,5 por cento correspondem a armas de caça, 4,4 por cento a armas de defesa e 0,8 por cento a tiro desportivo. Os restantes 10,3 por cento correspondem a licença de detenção domiciliária".

Por distritos, Lisboa tem mais licenças atribuídas, seguindo-se Faro, Santa-

em média, em Portugal

ilegais

rém, Setúbal e Porto. Quanto a roubos de armas, o Núcleo de Estudos para a Paz do Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra assinala que "entre 2004 e 2007 foram furtadas e/ou extraviadas 5.913 armas de fogo em Portugal. Ou seja, uma média de 4 armas por dia". Diz também que "os tipos de armas mais desviados foram espingardas (70 por cento), pistolas (17 por cento) e revólveres (9 por cento).

Neste estudo pode também ler-se que "entre 2003 e 2009, morreram 985 pessoas vítimas de armas de fogo em Portugal, das quais 707 eram homens e 225 mulheres". Só no ano de 2009 foram contabilizadas 105 mortes, o que significa um decréscimo de aproximadamente 20% relativamente ao ano anterior. O ano de 2008 tinha registado um aumento de 26 vítimas mortais com armas de fogo relativamente ao ano de 2006". Em conclusão, diz o estudo, "por semana, morrem pelo menos 2 pessoas em Portugal, vítimas de armas de fogo". Muitos cidadãos preferem voluntariamente entregar as armas às autoridades, por não as terem legalizadas ou por não poderem, por razões económicas, mantê-las. Diz o estudo que, após o "Despacho MEAI/71/2006, que teve como objectivo facilitar a entrega voluntária de armas por parte de cidadãos que desejassem desfazer-se delas ou regularizar o seu estado, sem qualquer consequência penal para os seus detentores", foram entregues "6.496 armas à GNR e PSP, na sua maioria armas de caça".

Em 14 de Julho de 2009, a PSP "procedeu à destruição de armas de fogo e armas brancas, entre as quais se encontravam armas de fogo entregues voluntariamente e armas de fogo apreendidas no ano de 2008. Nesta data, foram destruídas 1.105 armas de fogo".

de uso e porte de arma, a exames e a uma série de documentação que não está ao alcance de todos. Tem também como vantagem o facto de ser extremamente silenciosa e precisa, tornando-a um objecto fácil de vender e muito procurada no mercado negro.

Fonte conhecedora do mercado, que prefere o anonimato, diz que não parece credível que as armas agora roubadas "se destinem a caçadores ou a utilizadores legais de armas de caça". As vistorias e acções de fiscalização efectuadas pelas autoridades quando a época da caça decorre, faz com que estas armas não sejam apetecíveis para os caçadores desportivos, uma vez que a multa por usar armas sem documentação é elevada.

Numa altura em que muitos caçadores estão a entregar armas às autoridades, devido à crise económica, não será normal que alguém compre armas roubadas, diz a fonte ouvida pel'O DIABO, uma vez que "qualquer caçador prefere vender, mesmo a baixo preço, uma arma com papéis a quem tenhas as licenças para a utilizar do que entrega-la à polícia ou à GNR sem receber dinheiro nenhum". Apesar de tudo, estudos recentes dão conta de que em Portugal (ver caixa) possam existir cerca de 1,2 milhões de armas ilegais. ■

Onde param as metralhadoras roubadas?

O ano de 2011 começou, praticamente, com a notícia de que, da Unidade de Comandos do quartel da Carregueira, em Sintra, tinham sido roubadas dez armas de guerra, entre elas metralhadoras e pistolas, que foram levadas da arrecadação. O roubo terá sido perpetrado entre os dias 23 e 27 de Dezembro.

Do lote de dez armas de guerra que foram roubadas fazem parte duas G3 e duas HK MP5. Esta última é considerada, por especialistas em armamento, como "o Rolls Royce das pistolas-metralhadoras". As restantes armas roubadas eram metralhadoras UZI e pistolas Walther P38". Dois meses após o roubo, havia um oficial de baixa patente referenciado como possível implicado no assalto e como alegado traficante de armas, mas até hoje, ano e meio passado, não há sinal do paradeiro destas armas. Meses depois daquele assalto, seis outras armas de guerra (duas espingardas, duas metralhadoras e duas pistolas) foram levadas das instalações dos Fuzileiros na Base Naval do Alfeite. Estavam para integrar uma exposição do "Dia da Defesa Nacional", tal como refere a notícia publicada pel'O DIABO na altura. Na mesma notícia, o subdirector da Polícia Judiciária Militar, Coronel Luís Vieira, apenas adiantava que "o caso foi recentemente entregue ao Ministério Público, com pedido de diligências, que só podem ser autorizadas pelos juízes". E mais nada. Até hoje.

Na ocasião, O DIABO ouviu também o presidente do Observatório de Segurança, Criminalidade Organizada e Terrorismo, José Manuel Anes, que acompanhava o desenrolar das notícias "com apreensão". Ao nosso jornal comentou em Agosto do ano passado que "não é normal que se roubem tantas armas de guerra em tão pouco tempo". José Manuel Anes disse também querer "acreditar que a hipótese mais benévola é a das armas serem para vender no estrangeiro", mas não colocava de parte a hipótese de "também poderem ser para coleccionadores" ou a possibilidade, mais perigosa e provável, "de serem destinadas ao crime organizado".

INSEGURANÇA AUMENTA!

Págs. 12-13

4 ARMAS ROUBADAS POR DIA

- Há mais de 1 milhão de espingardas, pistolas e metralhadoras ilegais no País

- Ninguém sabe onde param as armas de guerra roubadas na Carregueira e no Alfeite no ano passado